

João Escoto Erígena:
Nemo intrat in Caelum nisi per philosophiam

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

João Escoto Erígena nasceu entre os anos de 800 a 815 da nossa era. Irlandês de nascimento, deixou o seu país muito cedo e exerceu importantes funções na corte de Carlos, o Calvo. Envolveu-se, a pedido do Arcebispo de Reims, numa querela com Gottschalk a respeito da predestinação. Contudo, a sua obra (*De Praedestinatione*), que nascera para combater a heresia acerca da referida questão, foi considerada, ela própria, herética, pelo sínodo de Valenciennes, em 855. Erígena parece ter conhecido o grego. Depois da morte de Carlos, o Calvo, perdemos definitivamente o seu paradeiro. Para a filosofia medieval, a sua maior contribuição foi a de haver traduzido, do grego para o latim, o *Corpus Areopagiticum*.

No nosso texto, abordaremos a questão da concordância entre razão e fé em Erígena. A fim de levarmos a cabo esta empresa, discorreremos, antes de qualquer coisa, acerca da concepção dos três estados da razão que Erígena desenvolve. Em seguida, analisaremos como, na sua perspectiva, a fé é condição para a inteligência. Posteriormente, verificaremos que ele distingue a autoridade humana da autoridade divina. Mostraremos também como, em Erígena, ainda persiste uma confusão entre filosofia e teologia e, mesmo, entre filosofia e religião. Por fim, apresentaremos as considerações finais ao texto.

Passemos à análise dos três estados da razão, segundo Escoto Erígena.

1. Os três estados da razão

Toda a doutrina de João Escoto com base na sua concepção da relação entre fé e razão.¹ Agora bem, para se compreender esta relação, mister é considerar, primeiramente, que todo o gênero humano tem uma sede natural de saber, e que, até o advento da revelação cristã, esta sede não podia ser satisfeita.² Erígena, distingue três estados pelos quais passou a razão até chegar ao pleno conhecimento da verdade.³ No primeiro, que se deu *ante revelationem*, a razão caminhava sozinha; ferida pelo pecado original, bem pouco conquistou na área do conhecimento. Só a muito custo conseguiu elaborar uma *física* e chegar ao conhecimento de um *Deus criador*, causa de tudo o que existe. Os progressos aqui foram bastante modestos.⁴ Todavia, *post revelationem*, a razão é desposada pela fé e passa a ter nela uma grande aliada⁵, é o segundo estado. Nele, é a fé que nos confere, acerca dos *articula fidei*, uma certeza absoluta, fundada, pois, na *revelação divina*, que, enquanto provinda de Deus – que é a própria verdade – não pode ser questionada. Portanto, no segundo estado, sabedoria e verdade consistem, antes de qualquer coisa, em se aceitar, pela fé, a revelação e partir dela.⁶ Contudo, “partir da revelação” não significa anular a razão. Ao contrário, quer-se com isso enriquecê-la, pois, conquanto se comece pela fé, é Deus mesmo quem nos incita a que cheguemos a uma vida consoante a fé, bem como à inteligência do que cremos.⁷ Há, ademais, o terceiro estado que ainda está por vir. Trata-se de quando virmos a própria Verdade face a face. Lá a fé dará lugar à visão.⁸ Passemos à análise da fé, como condição para inteligência em nosso filósofo.

¹ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 241: “De fato, o sentido da doutrina de Erígena resulta de sua concepção das relações entre fé e razão.”

² BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 230: “A sede de saber é uma tendência inata do gênero humano. Até a vinda de Cristo os homens ignoravam a maneira de satisfazer esta sede.”

³ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. p. 241: “Para compreendê-lo, o essencial é distinguir os estados sucessivos do homem em face da Verdade.”

⁴ *Idem. Ibidem*. pp. 241 e 242: “Entre o pecado original e a vinda de Cristo, a razão é obscurecida pelas conseqüências do pecado e, não estando ainda esclarecida pela revelação completa que será o Evangelho, só laboriosamente é capaz de construir uma física, a fim de compreender pelo menos a Natureza e estabelecer a existência do Criador, que é causa desta.”

⁵ *Idem. Ibidem*. p. 242. “Desde essa época, porém, a revelação judaica começa a sua obra, alcançando sua plenitude com Cristo.”

⁶ *Idem. Ibidem*: “Ela não está mais sozinha e, já que a verdade revelada provém-lhe de uma fonte cuja certeza é absoluta, a sabedoria está, para ela, em aceitar essa verdade tal como Deus lhe revelou.”

⁷ *Idem. Ibidem*: “Portanto, a fé deve preceder, desde então, o exercício da razão, mas isso não significa que a razão deve desaparecer; ao contrário, Deus quer que a fé engendre em nós um duplo esforço, para fazê-la traduzir-se em nossos atos pela vida ativa e para explorá-la racionalmente pela vida contemplativa.”

2. A fé: condição para inteligência

Nesta vida, o cristão deve começar por crer, pois a fé é *conditio* para a *inteligência*⁹, ou seja, quem quiser compreender a verdade, deve primeiro crer nela¹⁰. Pela fé, o cristão alcança o objeto da inteligência, antes da própria inteligência.¹¹ João e Pedro correram ao túmulo de Cristo. Ora, Pedro faz as vezes da fé e, João, o da razão. O túmulo é a Escritura. Os dois acabam entrando, mas Pedro entra antes que João.¹² Façamos nós o mesmo: primeiro creiamos, para depois compreendermos.¹³

Não se trata, pois, de cercear os direitos da razão. Como já dissemos, é Deus mesmo quem nos pede que a fé seja completada pela ciência.¹⁴ Neste sentido, a *dialética* – entendida como “método” que nos leva à aquisição da ciência – é, ela própria, obra do Criador, expressão da sua vontade.¹⁵ Não a criamos, nem tampouco inventamos as suas regras, senão que apenas a descobrimos, e constatamos: ela nos eleva a Deus.¹⁶ Lembremos que Cristo pede água à samaritana. A samaritana representa a natureza humana sedenta do saber. O seu caminho até o poço de Jacó equivale à fase em que os homens buscaram a verdade somente pela razão. Entretanto, no termo deste caminho, ela se encontra com Cristo. Este, surpreendentemente, pede-lhe água. Ora, Cristo representa a fé que não dispensa, antes recorre aos auxílios da razão.¹⁷ Donde concluirmos que a própria fé nos leva à especulação racional.¹⁸ Sem embargo, o auxílio da razão é-nos indispensável. Para compreendermos as

⁸ *Idem. Ibidem*: “Um Terceiro estado substituirá mais tarde o segundo. Quando virmos a própria Verdade, a fé se apagará diante da visão.”

⁹ *Idem. Ibidem*: “A partir de então, a fé é, para ele (o cristão), a condição da própria inteligência (...).” (o parêntese é nosso)

¹⁰ *Idem. Ibidem*: “Para se compreender a verdade, é preciso primeiramente crer nela.”

¹¹ *Idem. Ibidem*: “É ela que vem primeiro e, conforme o modo que lhe é próprio, alcança o objeto da inteligência antes da própria inteligência.”

¹² *Idem. Ibidem*: “Pedro e João correm para o túmulo; Pedro é o símbolo da fé, João, o da inteligência, o túmulo é a Escritura. Os dois correm, entram ali, mas é Pedro quem entra primeiro.”

¹³ *Idem. Ibidem*: “Que nossa fé faça a mesma coisa: que passe na frente e, já que a revelação se exprime na Escritura, façamos o esforço de nossa razão ser precedida por um ato pelo qual aceitamos como verdadeiro o que a Escritura ensina.”

¹⁴ *Idem. Ibidem*: “Deus pede de nós, enfim, primeiro a fé, depois uma vida conforme a fé e, finalmente, uma inteligência racional e uma ciência que a complete”

¹⁵ REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 493. “A dialética é antes de mais nada uma arte divina, fundada na própria obra do Criador.”

¹⁶ *Idem. Op. Cit.*: “E é por isso que os homens descobrem e não criam a dialética, como instrumento de compreensão do real e de elevação a Deus.”

¹⁷ *Idem. Op. Cit.* p. 243: “A samaritana do Evangelho compreendia-o perfeitamente. Ela representa a natureza humana em busca do verdadeiro simplesmente pela razão e que encontra Cristo em seu caminho. Ora, coisa notável, Jesus lhe pede água, como se a fé pedisse à razão que a dessedentasse.”

¹⁸ *Idem. Op. Cit.*: “A fé provoca espontaneamente neles a eclosão de uma filosofia, que ela nutre e que a ilumina”

Escrituras e os seus símbolos, assim como para conseguirmos penetrar na interpretação espiritual de certas passagens dúbias, urge que empreendamos esforços de ordem racional.¹⁹ Portanto, a especulação filosófica, que sucede à fé, coloca a alma humana rumo à visão beatífica. Entre a fé e a visão – neste interstício – temos a especulação filosófica. Ela é o interregno necessário entre a fé e a visão, é a luz que ascende à visão.²⁰

Passemos a analisar como Erígena distingue a autoridade divina da autoridade humana.

3. A distinção entre autoridade divina e autoridade humana

Erígena distingue ainda a *autoridade divina* da *autoridade humana*. Portanto, na sua perspectiva, a Palavra de Deus não se discute, devemos, sem pestanejar, aceitá-la pela fé. Diante da *autoridade de Deus*, que fala nas Escrituras, a razão só tem que se inclinar, pois a Sua palavra é inquestionável.²¹ O mesmo não se dá com a *interpretação racional* desta *palavra* feita pelos padres, porque quem fala nos padres é a *razão*. Ora, a razão é falível. Logo, cabe ponderar.²² Observe-se que Escoto não nos dispensa de uma adesão incondicional à Palavra de Deus, mas questiona o assentimento incontestável à autoridade fundada na razão falível.²³ O que o homem diz só é verdade se a razão o provar, mas o que Deus diz se deve aceitar: compreendendo ou não. Por isso, das assertivas humanas – exclusive as que a razão demonstrar – pode-se duvidar.²⁴ Ora, a autoridade dos padres – conforme já dissemos –

¹⁹ *Idem. Op. Cit.*: “Primeiramente, a interpretação literal das Escrituras levaria facilmente a erros grosseiros, se a razão não intervisse para desvendar o sentido espiritual que se esconde sob a letra. A interpretação dos símbolos escriturísticos exige, pois, um esforço da razão natural para determinar seu sentido.”

²⁰ *Idem. Op. Cit.* p. 244: “Uma luz ilumina a alma cristã, a luz da fé. Ainda não é a luz plena, pois esta só se fará na visão beatífica, mas entre as duas se situa aquela, cada vez mais viva, da especulação filosófica, que leva de uma à outra e ilumina progressivamente a escuridão da fé (...).”

²¹ *Idem. Op. Cit.* p. 244-245: “Diante da autoridade da Escritura, a razão só tem que se inclinar; Deus fala, nós aceitamos pela fé o que ele diz e sua palavra é indiscutível.”

²² BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 232: “A autoridade humana não passa de um resultado da interpretação da revelação pelos santos Padres, ou, mais precisamente, de sua reflexão sobre os dados revelados. Por conseguinte, o valor da autoridade é exatamente idêntico ao valor da própria razão. A razão, porém, é falível (...).”

²³ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 245. A autoridade contra a qual Erígena se insurge não é a de Deus, é a dos homens, isto é, a interpretação da palavra de Deus, que é infalível, por razões humanas, que não o são. A fonte da autoridade humana é, no fim das contas, a razão, e é por isso que essa autoridade permanece inteiramente dependente dela.

²⁴ *Idem. Ibidem.* “O que Deus diz é verdade, quer a razão compreenda, quer não; o que o homem diz só é verdade se a razão o provar” ERÍGENA. **De Divisione Nature**. In: ZILLES, Urbano. **Fé e Razão**

procede da razão. Logo, a tradição que provém deles é uma *tradição da razão* e não uma *tradição divina*.²⁵

No caso do assentimento à *autoridade divina*, não se trata de fideísmo, nem de um desprezo gratuito à razão, no caso das *autoridades humanas*. Na verdade, para Erígena, a verdadeira *autoridade humana* se funda na *recta ratio*. Assim sendo, entre a *autoridade divina* e a *autoridade humana* – fundada na reta razão –, não pode haver contradição possível, já que ambas jorram da mesma fonte: a *sabedoria divina*.²⁶ Todavia, a razão – diferentemente da fé – não merece todo o nosso crédito, mas isto não se deve em virtude da *racionalidade* em si e sim porque o exercício desta racionalidade é falível e a própria razão é limitada. De sorte que, para Erígena, a *autoridade humana* é sempre questionável, porquanto procede de um *tradicionalismo da razão*.²⁷ Ora, a razão – ratificamos – é limitada, e o homem, no exercício da sua racionalidade, falível. Logo, a autoridade que emana desta atividade não pode ser absoluta.

Passemos a considerar como, em Erígena, há uma confusão entre filosofia e teologia.

4. A confusão entre filosofia e teologia

Os limites do nosso pensador começam quando se trata de distinguir, no bojo da revelação, o que pertence ao escopo da razão e o que o ultrapassa.²⁸ Ora, a falta desta delimitação do que compete ao âmbito da razão, parece levá-lo a uma tentativa malograda de

no **Pensamento Medieval**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 1996. p. 83: “Pois a autoridade procede da verdadeira razão, mas a razão de modo algum procede da autoridade. Toda autoridade, com efeito, que não se vê aprovada pela razão, parece débil, enquanto a verdadeira razão, como está assistida e se mantém firme e imutável por seus próprios recursos, não necessita de reforço de autoridade alguma.”

²⁵ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 245. “No entanto, a autoridade deles (dos padres) não está, a seus olhos, senão na racionalidade do que disseram e que a tradição lhe transmite.” (O parêntese é nosso). ERÍGENA. **De Divisione Nature**. In: ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. 2º ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 1996. p. 83: “A autoridade parece-me não ser outra coisa que a verdade encontrada pelo poder da razão e transmitida por escrito pelos Santos Padres para a utilidade dos pósteros.”

²⁶ ERÍGENA. **De Divisione Nature**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 492. Nenhuma autoridade deve se afastar das coisas que são ensinadas pela reta razão. A verdadeira autoridade, com efeito, não se opõe à reta razão, nem esta à verdadeira autoridade, porque ambas derivam da mesma fonte, isto é, a sabedoria divina.

²⁷ GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 245: “A autoridade, para ele, não é mais que um tradicionalismo da razão.”

²⁸ *Idem*. *Ibidem*. p. 246: “Erígena não fez distinção entre o que, na revelação, é assimilável à razão e o que lhe é irredutivelmente transcendente. (...)”.

racionalizar os dogmas e, por consequência, de absorver a filosofia na teologia.²⁹ De fato, em Erígena, a filosofia se põe de tal maneira a serviço da fé, que se torna impossível distinguir, na sua obra, a atuação do filósofo da do teólogo. A sua filosofia, que sucede à fé e precede a luz da glória, torna-se, pois, uma *filosofia mística*. Com efeito, como a razão está no seu *segundo estágio*, no qual ela deve, necessariamente, amparar-se na revelação, a filosofia, enquanto obra da razão, apresenta-se, desta sorte, como uma *exegese bíblica*.³⁰

Passemos às considerações finais do texto.

Conclusão

Enfim, em Erígena, o saber fundado na revelação é perfeito e capaz de compreender todas as coisas.³¹ E é precisamente a este conhecimento perfeito da totalidade que, para Erígena, os gregos, inobstante não o tendo alcançado plenamente, denominavam de filosofia.³² Agora bem, tal saber, na acepção do nosso autor, torna-se perfeito com o advento da revelação cristã, que o torna fonte de alegria e felicidade perfeita.³³ A bem da verdade, ele acaba confundindo este saber com a própria religião: “Donde a coincidência da filosofia com a verdadeira religião (...)”³⁴. De fato, tolhendo qualquer distinção entre filosofia e religião, Erígena declara:

A verdadeira filosofia outra coisa não é do que religião e, inversamente, a verdadeira religião outra coisa não é do que verdadeira filosofia.³⁵

²⁹ *Idem. Ibidem.* “(...) é por isso que os dogmas religiosos parecem racionalizar-se nele, enquanto sua filosofia se perde na teologia e na exegese.”

³⁰ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 233: “Será difícil encontrar um sistema em que a razão, e sua expressão mais acabada, a filosofia, se põem tão completamente a serviço da fé e da revelação. A atuação do filósofo – que para Erígena parece identificar-se à do teólogo – situa-se entre a revelação, como ponto de partida, e a visão sobrenatural de Deus, como seu último fim. Seu espírito sofre o influxo contínuo e bestificante da iluminação divina. E’ evidente que esta “filosofia” tende a um objetivo fundamentalmente místico.”

³¹ *Idem. Ibidem.* p. 231: “Possuída de um tal saber, já, purificado, da revelação, a razão se encaminha para a compreensão perfeita de todas as coisas.”

³² *Idem. Ibidem.* “A este conhecimento perfeito os antigos gregos davam o nome de ‘filosofia’”

³³ *Idem. Ibidem.* p. 232: “E, enfim, a inteligência da verdade revelada é uma fonte de alegria e de felicidade perfeita.”

³⁴ *Idem. Ibidem.* pp. 231-232.

³⁵ ERÍGENA. **De praedestinatione**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.p. 493; Tomemos a supracitada

Neste sentido, ele chega a dizer ainda que ninguém entrará no céu se não houver passado pela filosofia “*Nemo intrat in caelum nisi per philosophiam*”³⁶. Em uma palavra, a filosofia acaba sendo “(...) o estudo da Revelação (...)”³⁷; ela é, por assim dizer, “(...) uma antecipação da visão beatífica”³⁸.

passagem no original Latino: ERÍGENA. **De praedestinatione**. 1, 1. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 246: “(...) Conficitur inde, veram philosophiam veram religionem, conversim que veram religionem esse veram philosophiam.”

³⁶ERÍGENA. **Comentário Sobre Marciano Capella**. In: JEAUNEAU, Édouard. **A Filosofia Medieval**. Trad. João Afonso dos Santos. Lisboa: Edições 70, 1963. p. 30: “Ninguém entra no Céu a não ser pela filosofia (*Nemo intrat in caelum nisi per philosophiam*).” (O itálico é nosso).

³⁷BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 232.

³⁸*Idem. Ibidem.*

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 229 a 248.

ERÍGENA. **Comentário Sobre Marciano Capella**. In: JEAUNEAU, Édouard. **A Filosofia Medieval**. Trad. João Afonso dos Santos. Lisboa: Edições 70, 1963.

_____. **De Divisione Nature**. In: REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

_____. _____. In: ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. 2º ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 1996.

_____. **De praedestinatione**. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. pp. 486 a 493.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. pp. 240 a 267.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.